

Do ‘Espírito em Arquitectura’ (1935) à ‘Arte Viva’ (1953): obras e pensamento em diálogo, Raul Lino e D. Manuel Cerejeira*

JOÃO LUÍS MARQUES



Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto;
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

<https://orcid.org/0000-0001-8125-2944>
jmarques@arq.up.pt

Resumo: O presente artigo propõe revisitar a conferência “Espírito na Arquitectura”, proferida por Raul Lino (1879-1974) no Rio de Janeiro a 30 de maio de 1935 e publicada no livro *Auriverde Jornada* (1937), estabelecendo pontes com a “Carta Pastoral sobre Arte Sacra” do cardeal Manuel Cerejeira (1888-1977), divulgada a 8 de março de 1953 e com repercussão na imprensa internacional. Embora pouco considerada na história da arquitetura, a dita carta pastoral permite compreender a profundidade do pensamento daquele que representou o maior ‘cliente’ de arquitetura religiosa portuguesa do século XX e que, durante mais de quatro décadas, de 1928 a 1971 à frente do Patriarcado de Lisboa, acompanharia a evolução da Arte e as transformações políticas e sociais do país. A partir do trabalho de análise e confronto de textos dos dois autores releva-se o contributo e atualidade da reflexão de Raul Lino na década de 1930, que haveriam de influenciar a renovação da arte sacra portuguesa, na primeira metade da década de 1950. O artigo será enriquecido com material proveniente do espólio particular do arquiteto, bem revelador de um quadro alargado de referências formais pouco conhecido, tanto no conteúdo como na fundamentação.

Palavras-chave: Raul Lino, D. Manuel Cerejeira, Modernidade, Pensamento.

From ‘Espírito em Arquitectura’ (1935) to ‘Arte Viva’ (1953): works and thought in dialogue, Raul Lino and D. Manuel Cerejeira

Abstract: The present article aims at reviewing the talk “Espírito na Arquitectura [Spirit in Architecture]”, given by Raul Lino (1879-1974) in Rio de Janeiro on May 30, 1935, and published in the book *Auriverde Jornada* (1937), establishing links with the “Pastoral sobre Arte Sacra [Pastoral Letter on Sacred Art]” of Cardinal Manuel Cerejeira (1888-1977), published on March 8, 1953, which had eco in the international press. Although barely considered in the history of architecture, the pastoral letter allows us to understand the depth of thought of the most significant “client” of

* Agradecimentos: à família de Raul Lino, em especial aos arquitetos Diogo Lino Pimentel e Bernardo Pimentel, pelo cuidado e estima com acesso aos diapositivos da conferência apresentada por Raul Lino em 1935. Ao Arquivo Documental Cardeal Cerejeira do Patriarcado de Lisboa, em particular ao dr. Ricardo Aniceto por todos os esclarecimentos. À organização do colóquio ‘O gosto português do século XX: Raul Lino e a casa de Santa Maria’ (ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e GIEHA – Grupo Informal de Estudos em História da Arte) que motivou o estudo e o aprofundamento da matéria aqui desenvolvidos.

Portuguese religious architecture of the twentieth century and who, leading the Lisbon Patriarchate for over four decades, between 1928 and 1971, would accompany the evolution of art and the political and social transformations of the country. From the work of analysis of both texts, we can highlight the timeliness of Raul Lino's thought in the 1930s, which would influence the renewal of Portuguese sacred art in the first half of the 1950s. This article is enriched with material from the architect's private archive, which reveals a broader framework of formal references, little known both in content and reasoning.

Keywords: Raul Lino, D. Manuel Cerejeira, Modernity, Thought.

Fazemos nossas as palavras proferidas por Raul Lino no Rio de Janeiro em 1935, associando-as ao ornamento gráfico “Ondas luminosas do bem”:

«O assunto que vou tratar é esquivo, e os seus conceitos dificilmente se deixam prender nas malhas da observação directa e claramente definível. Farei, portanto, de conta que estou esboçando – e de esboço não passa o que vou dizer, – e que V. Ex.as olham indulgentemente, por cima do meu ombro a folha sobre que vou traçando o confuso desenho. Pouco a pouco do emaranhado rabiscar surgirá talvez uma ou outra figura mal definida, sim, mas onde eu espero que seja possível encontrar a justa e necessária sugestão»¹.

Não é a encomenda arquitetónica que ocupa a presente investigação, embora o Raul Lino tenha desenvolvido e construído alguns projetos de natureza religiosa dispersos pelo país e, em particular, no Patriarcado de Lisboa. Pequenas igrejas e institutos religiosos poderiam ser exemplos a que somaríamos bastantes mais se considerássemos as pequenas capelas particulares e oratórios incluídos nalgumas das casas que idealizou. Também não abordaremos os inúmeros pareceres que Lino emitiu na análise de projetos e intervenções em igrejas. O exercício que propomos, decorrente da investigação de doutoramento concluída², é colocar em diálogo, obras e pensamento de Raul Lino (1879-1974) e do Cardeal Manuel Cerejeira (1888-1977), duas personalidades complexas, muitas vezes controversas, centrais na cultura moderna portuguesa, cujos nascimentos distam 10 anos, sendo o segundo o mais novo. Procuraremos evidenciar a comunhão de pensamento de Lino em “Espírito na Arquitetura” (1935) e de Cerejeira em torno da ‘Arte Viva’, tema central que desenvolveu na “Pastoral sobre Arte Sacra” (1953) (Figura 1).

Não há notícia, nem memória familiar, que Raul Lino tenha privado com o Cardeal Cerejeira³, nem tampouco notícia sobre alguma interferência no projeto

1 LINO, Raul – Espírito na Arquitectura [1935]. In *Auriverde Jornada*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937, p. 168-169.

2 MARQUES, João Luís – *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitetura portuguesa 1950-1975*. Tese de doutoramento em Arquitetura – Teoria, Projecto, História, FAUP-Universidade do Porto, 2017.

3 O tratamento do espólio do D. Manuel Cerejeira, existente no Patriarcado de Lisboa, não identificou, até ao momento presente, qualquer correspondência trocada entre o cardeal-patriarca e Raul Lino.



Figura 1 – Raul Lino e “Auriverde Jornada”; D. Manuel Cerejeira e “Obras Pastorais” (da esquerda para a direita)

que desenvolveu para o Panteão dos Cardeais⁴, idealizado e instalado em meados do século passado na antiga sala do capítulo do Mosteiro de São Vicente Fora. É aí que jaz o cardeal Cerejeira – aquele que teve o mais longo pontificado à frente do Patriarcado de Lisboa – no mesmo mosteiro que acolhe o panteão da Dinastia de Bragança, obra anterior, do mesmo autor.

Se a ligação de Manuel Cerejeira a Raul Lino pode parecer inusitada, não diremos o mesmo da estabelecida com Pardal Monteiro – arquiteto escolhido pelo cardeal para projetar a igreja de Nossa Senhora de Fátima (Lisboa) e o seminário diocesano de Olivais (projeto parcialmente construído). Por ocasião da dedicação da igreja em 1938, Cerejeira promotor e defensor da modernidade escreveria na revista *Arquitectos* um artigo de duas páginas, recorrentemente citado pelos estudiosos da arte sacra, onde tornaria claros os propósitos daquela obra:

«Ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela (...) Quanto ao ser moderna, não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa. Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo. Toda a igreja dos nossos dias devia traduzir as expressões da técnica e da arte contemporâneas»⁵.

Ainda assim a aceitação da obra não foi pacífica – recorde-se por exemplo a carta aberta de Tomaz Ribeiro Colaço ao cardeal em que afirmava ser aquela obra “feia, muito feia” por lhe faltar uma característica essencial à sua beleza: o “portuguesismo”. (Colaço, 1939: 19-20) Ora o ‘portuguesismo’ no campo da produção da arquitetura religiosa teria o seu arquétipo apresentado publicamente na exposição do Mundo Português de 1940, na capela da Missão Católica idealizada por Vasco Regaleira (1897-1968) arquiteto licenciado pela Architectural Association no curso do

4 Projeto desenvolvido por Raul Lino no início da década de 1950, identificado no espólio do arquiteto na Fundação Calouste Gulbenkian sob a referência FCG RL-532.

5 CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves – A nova igreja de Nossa Senhora de Fátima. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*. 7 (1938) 186.

Royal Institute of British Architects, em 1926, que desenvolveria, pelo menos, mais de vinte e cinco projectos de natureza religiosa, até agora identificados⁶. A capela não era um modelo novo, surgia sim em continuidade com outras experiências anteriores como, por exemplo, a pequena capela no Alentejo projetada por António Lino⁷, mas também era, simultaneamente, um prenúncio de projetos como o estudo da capela e ossário do cemitério para o parque florestal de Monsanto, por Keil do Amaral, na década de 1940⁸. Contudo, à obra de Vasco Regaleira passaria a estar associada a ‘caricatura’ da arquitectura religiosa publicamente contestada na década de 1950.

Em novembro de 1944, encontramos na Exposição “Construção Colonial”, promovida pelo Ministério das Colónias e realizada no Instituto Superior Técnico, um sinal físico da proximidade do pensamento de Cerejeira à obra de Raul Lino: na sala dedicada à Religião, junto a maquetes de obras de projetos de diferentes autores como a catedral de Nova Lisboa (arquiteto Vasco Regaleira) – não construída – e a de Lourenço Marques (engenheiro Freitas e Costa) está a de Nampula (arquiteto Raul Lino)⁹. Sobre aquelas tão distintas e variadas propostas para novas catedrais surgia na parede uma citação do cardeal Cerejeira, conforme documenta a fotografia publicada na revista *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação Reunidas*¹⁰ (Figura 2).

Curiosamente, identificámos ser essa citação retirada do discurso do cardeal Cerejeira na inauguração da igreja projetada por Pardal Monteiro, inaugurada em 1938: «A obra de arte autêntica tem sempre algo de religioso, enquanto é esplendor da natureza que é obra de Deus». A citação fazia parte de um discurso “Na inauguração da igreja Nossa Senhora de Fátima”, publicado em *Obras Pastorais*¹¹, onde para além do tema da autenticidade da obra de arte eram tratados outros como a “sinceridade”, “humildade da matéria”, “respeito pela natureza do material”, “verdade na expressão”, tudo exigências de uma igreja moderna, tudo temas a que podemos associar o pensamento de Raul Lino. Contudo, o discurso da modernidade do final da década de 1930 parecia desfasado da obra religiosa que se construiria ao longo da década de 1940 e ficaria perpetuada no artigo «O cardeal construtor de igrejas». Aí se propagandeava a grande obra de recristianização liderada por Cerejeira, que se socorrera desde logo da construção de muitas novas igrejas por todo o território do Patriarcado. Entre elas estavam algumas obras de Regaleira, como as igrejas de

6 MARQUES – A Igreja na Cidade, vol II, 730.

7 Cf. Arquitectura religiosa: uma capela no Alentejo. *Arquitectura*. 26 (1935) 164-165.

8 Capela e ossário, Parque Florestal de Monsanto (Lisboa, 1949) arquiteto Keil do Amaral. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/EDP/001770.

9 Catedral de Nampula, projeto de 1942 identificado no espólio do arquiteto na Fundação Calouste Gulbenkian sob a referência FCG RL-405.

10 Cf. A exposição de construção colonial. *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação Reunidas*. 117 (1944) 8-9.

11 CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves – Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13 out.1938)”. In *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942*. Lisboa: União Gráfica, 1961, p. 153-159.



Figura 2 – Capa da revista *A Arquitectura Portuguesa* e fotografia da exposição “Construção Colonial” 1944 (Coleção particular), assinalada a maquete da Catedral de Nampula projetada por Raul Lino

Nossa Senhora da Conceição (Caldas da Rainha 1950-51) e do Santo Condestável (Lisboa, 1946-51), então recém dedicadas. Ilustrava ainda o artigo uma fotografia da construção da igreja de São João de Deus, na Praça de Londres¹².

No mesmo ano escreveu Raul Lino na primeira página do *Diário de Notícias* o artigo «Igrejas Modernas». Antecipava aí um tema central que seria trabalhado pelo cardeal na Pastoral sobre arte sacra, dada à estampa dois anos depois na inauguração da igreja de São João de Deus (8 de março de 1953). Sobre a tradição, escreveu em Raul Lino 1951:

«Quando se fala de tradição na arquitectura das igrejas modernas, não quer dizer que se deva contrafazer este ou aquele estilo histórico, estas ou aquelas formas usadas em outras épocas; – tradição quer dizer procurar a expressão mais própria, mais evidente, para comunicar catolicamente o que há de fundamental e eterno na religião que se professa. Tradição aqui quer dizer que assumimos uma atitude inspirada na fé que nos ilumina e que a procuramos materializar da maneira mais imediatamente compreensível para toda a gente. Ao povo é preciso falar claro, e não está certo que o induzamos em confusão. (...) Evoluir sim, mas devagarinho!»¹³.

A propósito desta problemática dos estilos históricos colocamos lado a lado os alçados laterais das propostas desenvolvidas por Raul Lino para o concurso da nova igreja a construir em Picoas, “Turrus Erbunea” (com clara influência de

12 CRESPO, Frei João Diogo – O cardeal construtor de igrejas. *Flama*. 195 (1951) 12-13.

13 LINO, Raul – Igrejas modernas. *Diário de Notícias* (21 maio 1951) p. 1-2.

modelos tipológicos do Românico alemão), com a de Vasco Regaleira na fase de anteprojecto para a igreja do moderno bairro de Alvalade (Figura 3).

Se no concurso da capital em 1904 o estilo Românico era um requisito prévio aceite em concordância com as práticas de projecto da época, quase cinquenta anos depois, em 1951, esta opção não foi unanimemente aceite. Recorde-se a resistência ao anteprojecto, quer nas instâncias camarárias, quer pelo grupo de jovens liderado por Nuno Teotónio Pereira que organizara naquele ano um abaixo-assinado dirigido ao cardeal-patriarca pedindo a revisão do projecto¹⁴. Nas palavras de Vasco Regaleira «em boa verdade, [a igreja em Alvalade] não tem um estilo definido. Era preciso harmonizar o antigo e o moderno e, além disso, ter em conta a época de S. João de Brito. No entanto, penso ter conseguido uma composição de forte expressão espiritual, num traçado que se integra no espírito moderno do bairro»¹⁵.

A 8 de março de 1953, por ocasião da dedicação da igreja de São João de Deus, em Lisboa, o cardeal Cerejeira apresentou publicamente a *Pastoral sobre Arte Sacra*¹⁶. A importância deste documento divulgado pela imprensa nacional, escrito num país periférico à renovação da arte religiosa impulsionada pelo movimento litúrgico e pela reconstrução após a II Guerra Mundial no centro da Europa, foi reconhecido também no estrangeiro tendo sido publicado no Vaticano, através do *L'Observatore Romano*, em Paris, pelo *La Croix*, e em Filadélfia, pelo *Four Quarters*. Esta carta Pastoral ia ao encontro da atuação da Santa Sé que procurava integrar a modernidade na encomenda religiosa. Assim «o texto do patriarca português prima pela aceitação e defesa de um moderno 'inteligível', onde a modernidade e a tradição se conjuguem para fazer da arte sacra 'arte viva'»¹⁷. Ou seja, em linha com a postura defendida por Raul Lino no artigo 'Igrejas Modernas' de 1951 quando reclamara uma arquitetura passível de ser 'imediatamente compreensível'. Cerejeira dava eco e continuidade às "Instruções sobre Arte Sacra" da Congregação do Santo Ofício publicadas em 1952. Note-se que a escrita é contemporânea do lançamento das "Directivas do Episcopado alemão para a construção de igrejas 1952-1953" e antecedeu o surgimento do "Uffizio Diocesano Nuove Chiese" (1955-1968) de Bolonha – experiência de referência para a ação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP), organismo criado pelo cardeal Cerejeira em janeiro de 1961, e integrado desde o primeiro momento por um neto de Raul Lino – Diogo Lino Pimentel, então membro do Movimento de

14 CUNHA, João Alves da – *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX – a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. Tese de doutoramento em Arquitetura – Teoria e História, FAUL-Universidade de Lisboa, 2014.

15 REGALEIRA, Vasco – O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira. *Novidades – Letras e Artes* (26 agosto 1951) p. 4.

16 CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves – Pastoral sobre Arte Sacra. In *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953*. Lisboa: União Gráfica, 1954, p. 122-132.

17 BRITES, Joana Costa – Construir a história: a sede do CADC de Coimbra. *Lusitania Sacra*. 19-20 (2007-2008) 153.

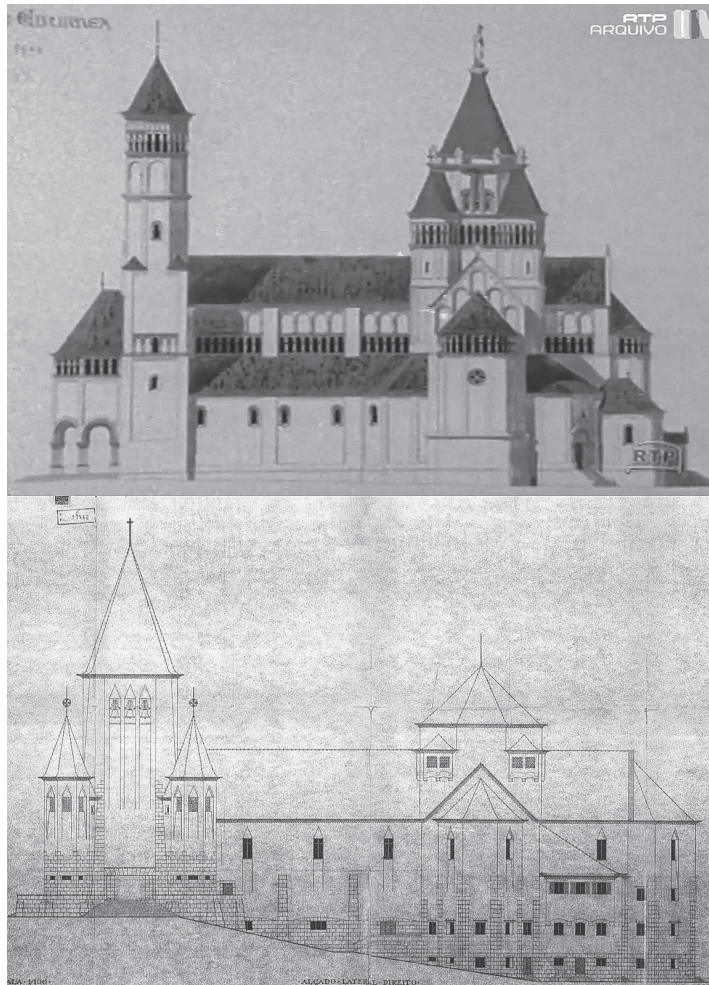


Figura 3 – Proposta a concurso de Raul Lino “Turrus Erbunea” – Lisboa, 1904 (Documentário “Raul Lino, Livre como o cipreste” Arquivo RTP) e Anteprojeto de Vasco Regaleira para a igreja do Alvalade, Lisboa 1951 (Arquivo SNIP)

Renovação da Arte Religiosa (MRAR), que estagiara naquele organismo da diocese de Bolonha de outubro-novembro de 1959 a julho de 1960. O interesse do pensamento do cardeal português, a atualidade e pertinência no quadro europeu, levou a que em 1958 a revista *Chiesa et Quartiere*¹⁸ publicasse aquele documento escrito cinco anos antes, num número em que surgia a par de Le Corbusier e de um conjunto de artigos do campo da sociologia religiosa¹⁹.

18 A revista *Chiesa e Quartiere* foi publicada pelo Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra organismo associado ao Ufficio Diocesano Nuove Chiese de Bolonha, criado pelo cardeal Lercaro após a realização do congresso Internacional de Architettura Sacra (1955).

19 CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves – Architettura e Liturgia, pastorale sull'arte sacre. *Chiesa e Quartiere*. 6 (1958) 23-28.



Figura 4 – Diapositivos em vidro de “Espírito na Arquitetura” 1935 (Espólio familiar de Raul Lino), assinalados com marca de água diapositivos não publicados

Sete pontos estruturam o documento, a saber: *O que é uma igreja*; *Valores permanentes*; *Valores modernos*; *Modernidade e tradição*; *O prejuízo da novidade*; *Tradição e estagnação*; *Arte Viva*. Esta carta, estudada de modo aprofundado na pesquisa que antecedeu esta comunicação, revelou a maturidade, o conhecimento da realidade internacional e a forma diplomática com que o cardeal Cerejeira com 65 anos de idade reclamava de novo a modernidade na construção das igrejas, à semelhança do que fizera em 1938.

Atente-se ao modo como Cerejeira esclarecia na primeira secção da Carta – *O que é uma igreja?* – o que era o móbil do seu ensinamento:



«Nem casa utilitária, onde não há lugar para voo de poesia, para comunhão mística de amor, nem museu, para ostentação morta de obras de arte ou exposição de ensaios arrojados. Há-de ser efectivamente obra de arte, ela. E todas as artes chamadas a colaborar para a sua construção e decoração devem fazer acto de humildade»²⁰.

A partir daqui seguiremos a estrutura da Carta Pastoral, acompanhando algumas das suas ideias fortes por pequenas passagens da conferência de Lino, de 1935, sublinhando expressões e ilustrando com diapositivos então apresentados. Dos vinte e sete diapositivos de vidro existentes no arquivo familiar de Raul Lino associados à conferência, apenas doze foram selecionados para posterior publicação, sendo apenas ¼ de natureza não religiosa (Figura 4).

20 CEREJEIRA – Pastoral sobre Arte Sacra, p. 123.

Se na Pastoral sobre Arte Sacra (1953) encontramos um discurso de palavras habilidoso, retórico, pouco comprometido com a especificidade de uma linguagem arquitetónica, onde são enunciados princípios válidos a uma qualquer pesquisa formal, na conferência de Raul Lino (1935) a associação do discurso aos dispositivos apresentados, apenas parcialmente publicados em “Espírito na Arquitetura” que integra o livro *Auriverde Jornada*, permitem-nos hoje entender melhor a crítica e elogios tecidos à exploração arquitetónica no campo da arquitetura religiosa de então. Por nós catalogadas e identificadas as obras apresentadas – salvaguardando desde já que neste artigo apenas tratamos as de natureza religiosa²¹ – facilmente percebemos a riqueza e a diversidade das obras apresentadas. Fossem encomenda católica ou protestante, do norte ou do sul da Europa, cada obra apresentada, independentemente da sua autoria que Lino preservou anónima, permitia pôr em questão princípios e ideias estabelecidas em torno da construção do lugar sagrado, contrariando a tendência pelo «desprezo do lado espiritual dos problemas que ao artista se impõem»²². O texto publicado por Raul Lino, audaz e por vezes até mordaz, foi ilustrado valorizando as obras que iam ao encontro de uma Arte de natureza espiritual.

Nas seções *O que é uma igreja?* e *Princípio basililar*, alertava a Carta Pastoral para o duplo carácter – funcional e racional – dos edifícios de culto, diferente da dimensão meramente utilitária que esvaziaria o edifício de sentido. A uma igreja não bastava ser, havia de parecer e, nessa perspetiva, tinha assumido diferentes estilos ao longo dos tempos. Já anteriormente Raul Lino tinha escrito:

«Há uma ideia que desde longos dias ocupa bastante o meu espírito – a de que a arquitectura está gradualmente perdendo o seu significado como padrão de cultura.

Já não reflecte rigorosamente senão as actividades da parte material da vida (...) Mas, quanto à vida espiritual dos tempos que atravessamos, – ¿seria possível reconhecer, através da moderna arquitectura, directrizes das nossas mais instantes preocupações da esfera da alma ou do espírito?²³».

O problema da irreconhecibilidade do espaço de culto fora tratado por Raul Lino a propósito de várias igrejas então recentemente construídas. Entre as críticas mais duras recordamos as palavras proferidas a propósito da Hersteld Apostolische Gemeente (Roterdão-Holanda, 1929) na Siedlung Kiefhoek, conjunto projetado por J. J. P. Oud (Figura 5).

21 Excluimos deste artigo a referência aos necrotérios apresentados.

22 LINO – Espírito na Architectura, p.176.

23 LINO – Espírito na Architectura, p. 166-167.

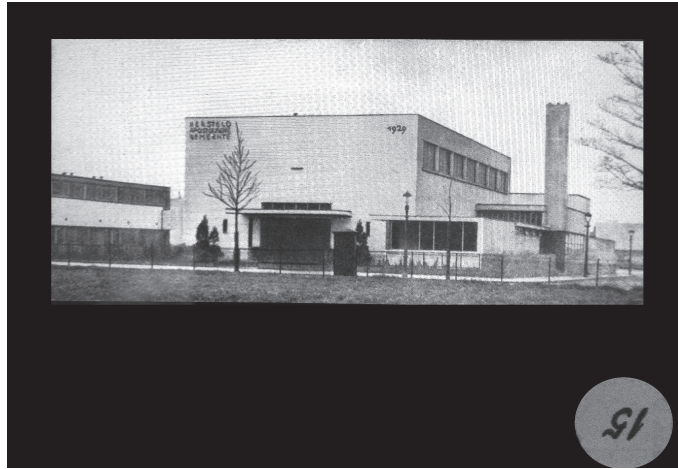


Figura 5 – Diapositivo em vidro n.º 15 “Kerk Hersteld Apostolische Gemeente Kiefhoek” Roterdão-Holanda, 1929, J.J.P. Oud (Espólio familiar de Raul Lino)

«(...) um exemplo típico de modernismo materialista-cosmopolita (...) Devo dizer a V. Ex.as que isto é uma igreja. Não parece – é verdade, – mas assim deve ser; pelo menos é esse o nome que lhe dão»²⁴.

De facto, a mesma obra, a única encomenda religiosa apresentada na exposição “Modern Architecture – International Exhibition”, apresentada em fevereiro-março de 1932, no Museum of Modern Arte, em Nova Iorque. A propósito da igreja de Kiefhoek lia-se no catálogo publicado: «The church doubtless fails to symbolise religious aspiration as well as certain German churches of the last few years, but as a direct architectural expression of a small inexpensive auditorium there is nothing with which it can be compared»²⁵.

No ponto *Valores permanentes*, o cardeal destacou o carácter sacro das construções e salientou a necessária marca e distinção na paisagem evidenciadas pela nobreza, dignidade, espiritualidade e beleza das construções. As igrejas deveriam ser abrigo que oferecesse tranquilidade, segurança, estabilidade. Para Lino,

«Uma das grandes bênçãos que assistem o verdadeiro crente, (...), está na felicidade que lhe dá a fortaleza da sua fé, a segurança no seu credo, e aquela certeza íntima com que encara a vida futura. Este sentimento de tranquilidade espiritual e satisfação deve ser considerado pelo autor duma igreja e, por assim dizer, sublimado nas disposições da sua arquitectura.

Ora que segurança nos oferece este interior? (...) Parece um tecto a desabar!»²⁶.

24 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 195.

25 HITCHCOCK JR., Henry-Russell – J. J. P. Oud. In *Modern architecture*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1932, p. 97.

26 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 181-182.



Figura 6 – Diapositivo em vidro n.º 3 e 4 “Église S. Jean Baptiste” Molenbeek-Bruxelas, 1931, Joseph Diongre (Espólio familiar de Raul Lino)

Referia-se Lino à igreja católica de S. Jean Baptiste (Molenbeek – Bruxelas, Bélgica, 1931) projetada por Joseph Diongre (Figura 6). Em oposição, apresentou a igreja anglicana St. Saviour (Eltham – Londres Sul, Inglaterra, 1932-33), de Welch & Lander and N.F. Cachemaille-Daym:

«(...) vemos aqui a materialização duma ideia bem definida: a igreja cristã, pronta a acolher no seu seio todo aquele que for assaltado pela dúvida ou que não sinta em si mesmo a força necessária para resistir ao ataque do grande inimigo. Admiramos sinceridade e a seriedade desta obra arquitectónica. Com a introdução de algum pormenor imitativo de castelo ou fortaleza, o artista teria facilmente caído aqui em deslize de mau gosto, resvalando para a cenografia pueril»²⁷.

Recordamos que esta igreja inglesa integraria o número “A Arquitetura em Inglaterra” da revista oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, publicado em 1942, em plena II Guerra Mundial. Ilustravam o artigo as igrejas de Liverpool e de Manchester, bem como a de Eltham, mostrando que não eram «uma mera combinação do velho com o novo, mas antes um produto da tradição»²⁸.

No capítulo *Valores Modernos*, Cerejeira recordou a importância do renascimento da liturgia e da verdade. Relevou o valor da simplicidade conseguida na justeza, pureza e unidade – fruto da seleção, renúncia e purificação. Alertou ainda para que simplicidade era diferente de pobreza, de nudez, de carência, tal como era

27 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 187-188.

28 Igrejas. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*. 14 (1942) 30.

diferente da afetação, do artifício e da grandiloquência. Sobriedade era valor a considerar, implicando nobreza, discrição, medida.

Na conferência de Lino a reflexão sobre estes valores da modernidade surge em torno de obras alemãs, não por acaso publicadas no livro *Auriverde Jornada*. A propósito da igreja católica Christkönig (Leuna – Merseburg, Alemanha, 1929-30) idealizada por Bernard Lipps Meier, escreveu: «(...) exemplo muito simples (...) porque se presta a demonstrar não ser necessária a sumptuosidade para se obter efeito digno, próprio de um edifício cultural. Tudo se baseia aqui humildemente na lógica da construção»²⁹.

Elogio semelhante foi tecido a propósito da igreja católica St. Johannes der Tufer (Neu Ulm, Alemanha, 1921-26) de Dominikus Böhm:

«Com que simplicidade de meios isto é obtido! – Dada a modesta dimensão da nave, qualquer pequeno episódio ornamental que o arquitecto se tivesse permitido introduzir logo amesquinharia as proporções, destruindo o efeito primário desejado (...). Por onde se vê que, em arquitectura, as obras muito simples são às vezes aquelas que mais dão que pensar...»³⁰.

Note-se que, no início da década de 1950, o tema da simplicidade despertava um crescente interesse por parte da jovem geração empenhada na renovação de arte sacra que originaria o MRAR. Na exposição de S. Nicolau, os painéis introdutórios dedicados aos valores expressos nos Evangelhos – 'Pureza, Verdade, Pobreza e Paz' – eram ilustrados com exemplos de arquitetura religiosa que, fugindo aos monumentos históricos, revelavam o interesse crescente pela arquitetura popular, ainda antes da realização do Inquérito à Arquitetura Regional. Este tema vinha sendo trabalhado pela revista publicada pelos dominicanos franceses, *L'Art Sacré*, publicação de referência no quadro do Pós-Guerra europeu e de renovação da arte sacra portuguesa.

Modernidade e Tradição, o tema tratado de seguida na Carta Pastoral seria de imediato apropriado pelos jovens que lutavam por uma arquitetura moderna autêntica. Dizia o cardeal: «Nunca a Igreja oficializou um estilo como seu. Este nasce do ambiente cultural, da técnica e do material: é-lhe estranho. Não só ela não condena o moderno, mas o acolheu em todos os tempos. Pois não foram modernas em seu tempo as obras consagradas do passado?»³¹.

Lino expressara isso mesmo no Rio de Janeiro ilustrando com a catedral de Saint-Trophime (Arles – França, séc. XII-XIX) e a Wiesenkirche ou St. Maria zur

29 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 185.

30 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 189-190.

31 CEREJEIRA – Pastoral sobre Arte Sacra [1953], p. 129.



Figura 7 – Painel n.º 28 da Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, 1953 (MRAR, 1953)

Wiese (Soast – Alemanha, séc. XIV-XIX): «Paire em todo o templo o espírito do cristianismo. (...) Sucedem-se épocas e mudam as formas de sentir, mas o cristianismo permanece (...). Outra época – outro gosto; mas o sentido religioso fica sendo o mesmo (...)»³².

Este diálogo entre modernidade e tradição gerara mal-entendidos na história da encomenda religiosa. Recorde-se o artigo “Mais quand on s’imagine qu’il y a un style chrétien déterminé!...” da revista *L’Art Sacré* (1945) cujas preocupação estava em sintonia com a crítica da exposição de S. Nicolau, de 1953, patente nos painéis alusivos à produção arquitetónica do séc. XIX e XX sob sugestivos títulos – “confunde-se tradição com imitação” ou “o pastiche aparece entre murmúrios de aprovação mas acaba entre as gargalhadas do futuro” (Figura 7) – e ilustrada com obras de Norte a Sul do país, de Miguel Ventura Terra, Adães Bermudes, Ernesto Korrodi, Vasco Regaleira, António Lino, irmãos Rebelo de Andrade, Fernando de Barros Santa Rita, Gerardus van Krieken, João Queiroz, Manuel Passos Júnior e Eduardo Silva Martins, entre outros. Curiosamente entre todas aquelas obras nem um projeto de Raul Lino se encontra.

A possibilidade de uma sintonia do pensamento de Cerejeira e de Lino surge uma vez mais na secção *Prejuízo da novidade*, quando alerta para a negação dos valores autênticos e o perigo de tomar a tendência por valor, a extravagância por

32 LINO – Espírito na Arquitectura, p. 178-179.

originalidade, a moda por arte. Cerejeira, referindo-se a Paul Valéry – autor célebre entre os arquitetos portugueses – falou dos perigos da novidade, apresentando-a como ‘veneno excitante’: «A que excessos leva o desejo de originalidade (...). Parece-me extravagância e demasiado arrojo! Em qualquer caso, este edifício, só me lembra uma central de aquecimento, ou – se preferem, e por analogia – uma fábrica de gás e electricidade. Como tal estaria certa ...»³³.

A este julgamento de Lino a propósito da igreja de J.J.P. Oud, podemos juntar a crítica à igreja de Grundtvigs Minde-Kirke (Copenhaga – Dinamarca, 1921-40) do Arquiteto Jensen-Klint e à igreja evangélica Hohenzollernplatz “Kraftwerk Gottes” (Wilmersdorf – Berlim, Alemanha, 1930-33) Arquiteto Ossip Klarwein e Arquiteto Fritz Höger (Figura 8). Deste conjunto, apenas a igreja dinamarquesa surgiu na publicação relativa à conferência de Lino, sinal de que a linha editorial privilegiava as boas soluções face às que eram mais criticadas.

Na seção *Tradição e estagnação* reconhecia Cerejeira a corrupção de senso artístico e cristão causada por uma prática religiosa de natureza superficial, «toda feita de devoçõezinhas»³⁴. Porque havia que regressar às fontes para reencontrar a verdadeira tradição que fosse ao encontro das comunidades, apelava Lino a uma arte em «coerência com as comunidades», uma «coerência sem quebra da virgindade da arte»³⁵.



Figura 8 – Diapositivo em vidro n.º 11 “Kirche am Hohenzollernplatz – Kraftwerk Gottes”, Berlim, 1930-33, Ossip Klarwein e Fritz Höger (Espólio familiar de Raul Lino)

33 LINO – Espírito na Architectura, p. 191-192.

34 CEREJEIRA – Pastoral sobre Arte Sacra, p. 131.

35 CEREJEIRA – Pastoral sobre Arte Sacra, p. 132.

«Que me importam seus arcos, seus mármore, seus enfeites e pinturas – se nada disto me inspira respeito nem me convida a louvar a Deus ou a cuidar das almas!»³⁶.

«Importar maneiras de decorar fachadas segundo a última moda, ater-se a modelos batidos – sejam eles clássicos ou de recente invenção, não é criar arquitectura, é apenas jardinar com flores de papel, é acender altares com círios de luz eléctrica, é substituir Helena – a divina Helena – por manequim empalhado»³⁷.

Mais uma vez a igreja católica de S. Jean Baptiste (Molenbeek – Bruxelas, Bélgica, 1931), já acima referida, mostrava bem o que era decorar fachadas «a cruz é grande, mas o hábito não faz o monge»³⁸.

Toda a estrutura da Carta conduziria ao fecho centrado na *Arte Viva*, uma arte que não se limitasse a copiar ou contrafazer estilos, fossem ultrapassados ou inovadores. A criação de *Arte Viva*, no entendimento de Cerejeira, significava: «(...) senti-la em todas as suas dimensões; realizá-la com humildade de modo racional, na linguagem adequada e com estilo próprio, submetendo-se às exigências materiais, funcionais e espirituais; é pensar dentro de si o mistério cristão, e procurar a expressão mais clara para o traduzir plasticamente, com verdade, respeito e devoção»³⁹.

«(...) uma pequena igreja há pouco construída em Portugal: que encanta pela simplicidade, pelo carácter meridional que soube guardar, pela graça inteligente com que se avizinhou dos velhos ciprestes (...) É uma construção simples, natural, graciosa e modesta ao mesmo tempo. (...) quem isto desenhou não falseou o espírito da sua tarefa»⁴⁰.

Estas palavras de Raul Lino, acompanhavam o penúltimo espaço de culto religioso apresentado antes da irónica crítica à igreja de J.J.P. Oud. A igreja evangélica alemã inaugurada em Lisboa, em 1933, fora idealizada por Otto Bartning com a colaboração de Tertuliano Lacerda Marques (Figura 9).

Não fora a igreja de natureza evangélica, e talvez pudesse ser um exemplo da ‘*Arte Viva*’ reclamada pelo cardeal. Ainda que Raul Lino apenas tenho mostrado o exterior da igreja da capital portuguesa, vista do interior do lote na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, o interior era igualmente simples e modesto, recordando o da *igreja católica em Balatonboglár* (Hungria, 1931-32), do arquiteto Kotsis Iván, cujo espaço interno foi mostrado na conferência do Rio de Janeiro.

36 LINO – *Espírito na Arquitectura*, p. 184.

37 LINO – *Espírito na Arquitectura*, p. 231.

38 LINO – *Espírito na Arquitectura*, p. 183.

39 CEREJERA – *Pastoral sobre Arte Sacra*, p. 132.

40 LINO – *Espírito na Arquitectura*, p.194.



Figura 9 – Postal da igreja evangélica de Lisboa, 1934 (coleção particular)

Cerejeira e Lino apontam um caminho de renovação em continuidade com a história, com racionalidade, adequação, respondendo a «exigências materiais, funcionais e espirituais» conforme diria o cardeal recordando ensinamentos de Vitruvius: 'Firmitas, Utilitas, Venustas'. Os caminhos de renovação não pediam a constante substituição. O progresso estava sim no constante recomeçar:

«Igreja nova, igreja velha? Se é obra viva de arte, há-de ter necessariamente de uma e outra coisa. Do velho, as raízes vivas de uma tradição, que significa experiência adquirida, hábitos consagrados, sentimentos veneráveis, leis permanentes, princípios estabelecidos. De novo, tudo o que exige a expressão mais verdadeira, mais pura, mais bela, do espírito da época, do local de implantação, do material empregado, da técnica seguida. Toda a obra verdadeira «viva» é sempre nova»⁴¹.

Para tal seria necessário atender ao Espírito, « (...) o elemento misterioso original que gera a obra de Arte e que é apenas como que ideia ou sentimento à procura de forma em que se possa encarnar, produz-se quando e aonde os deuses muito bem queiram mandar o seu anjo anunciador»⁴².

41 CEREJEIRA – Pastoral sobre Arte Sacra [1953], p.122.

42 LINO – Espírito na Architectura, p. 227.

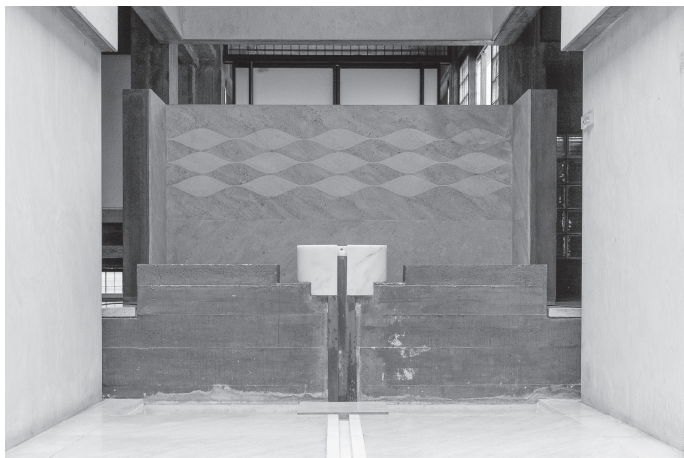


Figura 10 – ‘Ondas luminosas do bem’ no batistério da igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais-Sul, Lisboa 1988, Pedro Vieira de Almeida e Diogo Lino Pimentel. Foto: Hugo Casanova, 2018

Para finalizar recuperamos a imagem com que iniciámos a nossa reflexão, agora num plano mais afastado. O motivo das ‘ondas luminosas do bem’⁴³ de Raul Lino, no pano de fundo do batistério da igreja de Nossa Senhora da Conceição no bairro de Olivais-Sul (Lisboa, 1970-1983). Trata-se de intervenção no moderno complexo paroquial, apenas parcialmente construído, idealizado pelo arquiteto Pedro Vieira de Almeida em 1970, no mesmo ano da exposição “Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra”, na Fundação Calouste Gulbenkian. Recordou Diogo Lino Pimentel, arquiteto que acompanhou a construção da igreja inaugurada em 1988, no documentário “A Espessura da Luz”⁴⁴ o pedido de Pedro Vieira de Almeida de integrar aquele motivo na moderna igreja da capital (Figura 10). “Ondas luminosas do bem” é uma representação de paralelos movimentos ondulantes, com pontos de encontro tangencial, tal como a história da arquitetura portuguesa nos mostra, tal como o pensamento do arquiteto Raul Lino dialoga com o do cardeal D. Manuel Cerejeira.

43 CARVALHO, Manuel Rio – Raul Lino: O tempo reencontrado. In *Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 220-222.

44 “A Espessura da Luz”, documentário realizado por João Valério, Sofia Almeida e Tiago Santos por ocasião da celebração do 30º aniversário da dedicação da igreja de Nossa Senhora da Conceição (Lisboa).